

REVISTA ADVENTISTA

A educação cristã

Convenção abreviada da Missão interior

O dia das classes progressivas

A reforma do calendário

ANO XXV

N.º 213

A Educação Cristã

A. CASACA

DUAS simples palavras que encerram todo o mundo de conceitos e de realidades.

Só por si a «Educação» é todo um tratado e dos mais difíceis em qualquer curso de qualquer grau de ensino. Mas o adjectivo qualificativo «Cristã» determina a sua especialidade, enchendo-o de tudo quanto ela, a Educação, necessita para que possa efectiva e eficientemente realizar a sua importante e sublime missão.

Muitas e variadas definições têm sido dadas da «Educação».

Algumas para exemplificar.

«A educação tem por objectivo desenvolver em cada individuo toda a perfeição de que é susceptível» (Kant). «A educação consiste em pôr cada criança de modo a desempenhar o melhor possível o destino da sua vida» (Sr.ª Necker de Saussure). «A educação é a operação pela qual um espirito forma um espirito, um coração forma um coração» (Simon). «A educação tem por objectivo o desenvolvimento de todas as faculdades humanas». (Bain).

Não há dúvida que algumas destas definições têm algo de aproveitável. Mas de todas elas, excedendo-as, muito de longe, temos a definição dada pela nossa Irmã White que sintetiza na sua inspirada síntese, tudo quanto se possa dizer a tal respeito: «A educação é o desenvolvimento harmónico das faculdades físicas intelectuais e espirituais».

Assim a encontramos lapidarmente descrita nesse admirável livro que dela mesma tira o seu título «Educação», livro este que devia encontrar-se em todos os lares adventistas.

Sob a doce e magistral influência do Espírito Santo assim nos doutrina a Irmã White:

«As nossas ideias acerca da educação são demasiadamente acanhadas e baixas. Temos necessi-

dade de um alvo mais amplo, de um objectivo mais elevado. A verdadeira educação significa mais do que a preparação para a vida presente. Visa ela o ser integral e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmónico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro». (Educação, pág. 13).

Debalde têm os pedagogos procurado normas e princípios educacionais nos planos meramente unilaterais das actividades do homem. Por isso se fala de Educação Física, de Educação Primária, Secundária, Superior, Clássica ou Técnica...

Já lá vai o tempo em que se apregoava, seguindo Rousseau, que era necessário distinguir entre instrução e educação. Bipartia-se, assim, a criança desintegrando-a na sua maravilhosa unidade psíquica que não se compadece com tais divisões.

O Espírito de Profecia — essa maravilhosa luz que o Senhor nos concedeu de modo tão providencial para estes nossos últimos tempos — bem nos ensina que a Educação é o desenvolvimento harmónico das nossas faculdades, de todas elas; note-se «harmónico» o que implica simultaneidade de acordo com as respectivas capacidades e possibilidades tanto fisiológicas como psicológicas.

Bendito seja o Senhor que nos concedeu o Espírito de Profecia ao qual temos de nos prender como à âncora que sustém o frágil batel fustigado pelo temporal.

Hoje em dia, muito se fala sobre a natureza e a importância de «uma educação mais elevada». «A verdadeira «Educação mais elevada» é transmitida por Aquele com quem estão a «sabedoria

(Continua na pág. 5)

SUMÁRIO

A Educação Cristã
Editorial
O Decálogo
O Evangelho e a Tradição
O dia da Rádio
Campanha das Missões
Convenção abreviada da Missão interior
O dia das classes progressivas
A Esposa do Cordeiro
Desmascarando as subtilezas do erro
A reforma do calendário e o Concílio Vaticano II
O dia dos batismos
O Auxiliar da Escola Sabatina

JUNHO DE 1964

ANO XXV

N.º 213

DIRECTOR E EDITOR:
A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:
D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
F. MENDES, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

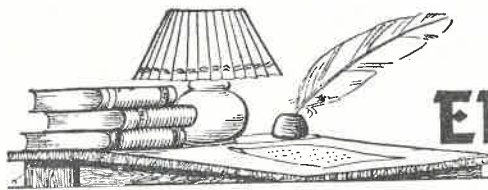
PROPRIETARIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:
SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00
Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Página EDITORIAL

Prezados Irmãos:

Com a graça de Deus estamos chegados ao último mês do primeiro semestre deste ano.

Ainda há pouco iniciámos um novo ano, e já nesta altura, se encontra a meio caminho! Tão fugaz é o tempo, tão próximo já estamos do fim de todas as coisas! Apressememo-nos, pois, porque a noite vem caindo rapidamente, e as trombetas já estão soando a Vinda do Senhor Jesus.

A Campanha das Missões

Damos graças a Deus pela maneira como tem decorrido a Campanha, por toda a parte. As notícias recebidas das várias igrejas são animadoras, com a esperança de se alcançarem os alvos propostos.

Mais uma vez temos sentido a mão misericordiosa do Senhor a amparar os seus filhinhos que só n'Ele confiam.

Exames

Vão principiar os exames. Como sempre, levantam-se as incertezas, os receios, as famosas cólicas.

Praza a Deus que os nossos jovens estudantes possam apresentar-se com a confiança de quem cumpriu, de quem soube ser estudante, porque soube ser adventista.

E, prezados jovens estudantes, principalmente, prezados examinandos: felicidades, pois com elas tereis agradado a Deus, a vossos

pais, aos vossos Irmãos na Fé e a vós mesmos.

Os vários DIAS Comemorativos

O nosso Calendário Adventista inclui neste mês as comemorações dos seguintes dias: da Voz da Profecia e da Rádio. Das Classes Progressivas. Dos Batismos.

Em artigos especiais assinalamos estes dias. Que, com a graça de Deus, os possamos comemorar dignamente, frutuosamente, para que o Senhor os abençoe para a Sua glória e para o Seu serviço.

Pastores Edwards e Belloy

Não queremos deixar de assinalar a presença destes nossos prezados Irmãos, vindos da Conferência Geral e da Divisão para dirigirem as Convenções da Missão Interior. Que Deus continui sempre a abençoar os seus trabalhos e que voltem a ver-nos, pois aqui deixaram não só Irmãos, mas também Amigos.

Férias

Mais uma vez prezados Irmãos, vos recordamos que no tempo de férias não há férias para as actividades espirituais. Portanto, sem cessar: estudo da Palavra Divina, Devoção Matinal e Estudo das lições da Escola Sabatina, além das outras práticas habituais de devoção pessoal.

A. Casaca

O DECÁLOGO

S. Graça

É assim denominado, em todo o mundo cristão, o conjunto de dez normas de natureza religiosa, moral, social, e jurídica cujo campo de aplicação não é delimitável nem no espaço nem no tempo. Constitui o maior e mais harmonioso monumento legislativo de todas as eras não pertencendo privativamente a nenhum povo, como era o caso dos Romanos que possuíam a Lei das XII Tábuas, mas são antes um precioso património da Humanidade legado a esta por Deus.

No decorrer dos séculos muitos legisladores tornaram-se célebres e seus nomes passaram para a História unidos às leis que elaboraram. Assim aconteceu na antiga Grécia onde Sólon fez publicar as leis conhecidas pelo seu nome. Assim sucedeu igualmente em Roma, onde as leis não eram identificadas, como hoje, por um número de ordem e pela data da sua publicação, mas sim pelo nome do seu autor.

O Decálogo não é obra de Moisés nem de qualquer outro sábio legislador humano. Não é exacto, não é correcto referir-se alguém ao Decálogo usando a expressão: «Lei de Moisés» pois dela se poderá inferir, erradamente, ter sido o dirigente do Êxodo israelita o autor de tão sublime Lei.

Já acima, esboçámos a ideia de ter sido Deus o autor deste êquico código, tendo-o transmitido, de viva voz, a Adão e Eva e, através deles, à raça humana. É Deus, pois, o autor do Decálogo e, por isso, é ele mais vulgarmente designado por Lei de Deus.

Séculos mais tarde, ante o perigo de deturpação, e mesmo de total esquecimento, dos sábios Preceitos por parte do homem, dada a notória incapacidade humana para reter e transmitir, integralmente, de umas gerações a outras o que oralmente receberam, havendo os homens aprendido a utilizar a escrita, Deus, tendo como cenário o imponente

Sinai, não só, proclamou, de novo, a Sua sagrada Lei mas também gravou-a em duas pedras lavradas realçando, com este acto, a característica de perpetuidade que a Sua Lei possui.

Foi Moisés designado para a honrosa missão de receber de Deus o precioso Monumento e Israel o povo escolhido para o alto encargo de ficar seu depositário e guardião adjudicando-lhe, também, Deus a nobre tarefa de espalhar pelas outras nações o conhecimento das belas normas do Código divino.

Terá o homem, isto é, a Humanidade o dever de cumprir e observar a Lei de Deus? Salomão, o rei sábio e filósofo do Israel de há 3.000 anos, afirma que sim, quando, ao finalizar o seu livro de Eclesiastes, conclui que o dever de todo o homem consiste em reverenciar a Deus e cumprir os seus mandamentos.

Quando no princípio deste artigo, ao lado da natureza religiosa, moral e social acrescentámos a natureza jurídica da Lei de Deus fizemo-lo propositadamente para destacar aquela característica própria das leis civis por força da qual, o cidadão, embora possa violar uma norma, não fica impune se a violar. Transgredida a Lei, desencadeia-se uma reacção que culmina numa pena.

Com a Lei divina dá-se o mesmo. À violação da sagrada Lei de Deus chama-se pecado o qual uma vez consumado gera consequências. Paulo, o mais informado doutor do Cristianismo, afirmou categoricamente que o resultado do pecado, ou seja, da violação da Lei de Deus, é a morte.

O medo do castigo, venha ele a consistir numa pena pecuniária, ou na perda, temporária ou perpétua, da liberdade, ou na privação da vida, se é certo que tem impedido e desencorajado muita violação das leis civis, jamais conseguiu levar todos os homens a uma obediência completa das mesmas. Infelizmente

os tribunais e as prisões atestam eloquentemente a veracidade desta afirmação.

Estamos certos de que Deus, conhecendo em profundidade a índole humana, jamais cogitou em induzir o homem a obedecer à Sua Lei por meio do medo. Tal processo, bastas vezes usado pelos homens, não serve aos Seus santos propósitos nem se quadra ao Seu nobilíssimo carácter. Se prescreveu a pena de morte para os violadores da Sua Lei não foi para infundir-lhes medo, e, assim, coagi-los a uma obediência relutante mas sim para que o homem soubesse qual o resultado da desobediência uma vez que na economia do plano divino não se prevê a existência, simultânea e eterna, de obedientes e transgressores.

Estariamos, pois, condenados à morte, todos nós, que, de um modo ou de outro, havemos transgredido as normas sagradas do Decálogo se uma decisão do Autor do mesmo, particularmente feliz e dificilmente compreendida pela justiça humana, não tivesse vindo modificar radicalmente os destinos eternos de incontáveis milhões de condenados. O divino Legislador decidiu cumprir, Ele mesmo em pessoa, a pena de todos os pecadores que sentidamente se arrependesse das suas transgressões. Só um amor incomensurável podia ter ditado uma tal decisão!! O perdão mais completo é outorgado ao mais vil pecador sob a condição única de este fazer prova de um arrependimento sincero!

Porque usa Deus para com o homem de tão estranha como misericordiosa justiça? Porque o ama muito. Ele é obra de Suas mãos. O Criador não deseja destruí-lo antes espera atraí-lo a Si, não pelo medo e menos ainda pela coacção, mas «com amorosa benignidade».

Tinha razão o Apóstolo dos gentios quando dizia: «O amor de Cristo nos constringe».

CAMPANHA DAS MISSÕES

Importante meio de edificação da Igreja e de Evangelização

Quando chega a Primavera, com ela chega também a Campanha das Missões. As forças da natureza resuscitam e as nossas forças também para o trabalho da Campanha. Os campos cobrem-se duma beleza rara e suave e os nossos passos que a Bíblia diz também serem suaves, em sublime missão, começam a percorrer as cidades, vilas e aldeias do nosso Portugal.

A Campanha das Missões é uma das mais belas actividades da nossa Igreja. Alguns não gostam do trabalho, não o apreciam, acham-no difícil, e talvez encolham os ombros e se digam: — «De qualquer maneira o alvo será alcançado e por mim bem se vê que eu nada posso fazer». A Igreja aceita este raciocínio, mas perguntamo-nos francamente se Deus o Justo Juíz que tudo vê, tudo ausculta e que penetra bem no fundo dos corações, será tão benevolente e o aceitará. Também nos interrogamos se cada Irmão ou Irmã que não aprecia fazer alguma coisa na Campanha, estará bem consciente dos prejuízos que dá à sua alma. A Campanha das Missões é um importante meio de nos edificarmos, quer individualmente, quer como Congregação, além de que nos dá oportunidades magníficas para o trabalho de Evangelização, e não esqueçamos que a Evangelização é a nossa primeira e mais sublime missão.

Graças a Deus por tantos e tantos crentes que compreendem a Campanha nos seus verdadeiros objectivos e que dão um tão belo testemunho de apoio a estes princípios que acima citamos. Que assim é na verdade, comprovam-no alguns exemplos que vamos apreciar e que pensámos seria interessante registar aqui para vermos a maneira como alguns crentes da nossa Congregação consideram a Campanha das Missões. Fizemos a cada três perguntas as quais nos parecem conter

os princípios primordiais que estão indicados no título deste escrito: — A Campanha das Missões — Importante meio de edificação da Igreja e de Evangelização.

Eis as três perguntas:

- 1.^a — Tem prazer em dar a sua colaboração na Campanha das Missões?
- 2.^a — Quais são os benefícios pessoais que obtém neste trabalho da Campanha?
- 3.^a — Pensa que há boas possibilidades para contactos de Evangelização no trabalho da Campanha das Missões?

A primeira resposta é a do Director da S. Missionária, Ir. Jaime de Freitas, que nos respondeu assim: — «Tenho o maior prazer em dar a minha colaboração na Campanha das Missões, tanto directa angariando donativos, como indirectamente, propagando com alegria o trabalho da Campanha. Benefícios pessoais também os recebo sem dúvida. Obtenho uma maior experiência em contacto com as pessoas no trabalho e isto me fortalece o ânimo e confiança espirituais. Não esqueço que o E. de Profecia diz: «Quem trabalha pelos outros trabalha para si mesmo». Quanto às responsabilidades para contactos de Evangelização são inúmeras, eu acho até que o objectivo principal não deve ser atingir o alvo financeiro, mas deveria ser em primeiro lugar o espiritual. Não devíamos eclipsar este por aspiração daqueles».

Nesta actividade da Campanha, as nossas companheiras de Ministério, têm uma parte bastante activa e uma experiência de muitos anos. Elas sabem muito bem o que significa a Campanha.

«No meu entender a Campanha das Missões é uma bênção para todo o crente. Temos neste trabalho oportunidades de contactar com as

almas, saber de suas lutas, tristezas, alegrias e dar-lhes uma palavra de conforto ou incentivo consoante a Palavra de Deus. Para mim considero um benefício maravilhoso a experiência que obtemos no convívio com as almas. Penso também que temos muitas oportunidades para contactos evangélicos. Um bom número de pessoas que nos atende tem uma palavra de desabafo quando lhe apresentamos a Revista e se nós com um pouco de tacto soubermos dirigir a conversa, logo aí nos surge uma bela oportunidade para falar do Evangelho».

Quisemos ouvir também uma Irmã das mais antigas na Igreja e se possível já idosa e cansada, para nos servir de exemplo mostrando assim que quando há boa vontade e coragem no Senhor os milagres podem acontecer. Fizemos as perguntas a uma nossa Irmã de nome Maria Augusta Fernandes com muitos anos de Igreja e de experiência na Campanha das Missões.

«É uma grande alegria para mim poder fazer alguma coisa na Campanha. Este ano sentia uma grande tristeza pois estava a ver que por motivos de saúde não alcançava o meu alvo. Não me podia conformar com tal, mas o Senhor ouviu as minhas orações e viu o meu desejo e me ajudou. Benefícios tenho sim, a alegria de poder falar com as almas, a satisfação de poder ver a amizade que elas têm por mim, pois me conhecem há anos e sempre me compram a Revista. Algumas vezes já a têm comprado mas compram-me gentilmente a revista que lhes levo. E sobretudo o benefício maior é a minha própria edificação espiritual. Sinto-me tão consolada como se tivesse recebido um benefício material. Oportunidades de Evangelização no trabalho da Campanha? As melhores, porque falamos com pessoas que nunca po-

(Continua na pág. 13)

A Educação Cristã

(Continuação da pág. 1)

e a força» (João 12:13), e de cuja boca «vem o conhecimento e o entendimento» (Prov. 2:6) — Educação, pág. 14).

Ora a bendita obra da Educação, entenda-se da verdadeira Educação, daquela que nos ensina a Irmã White, pois é ela a única e verdadeira Educação Cristã, tem de principiar a ministrar-se desde os primeiros anos da criança, desde o seu desabrochar para a vida, para a vida física, intelectual e espiritual, naquele desenvolvimento harmônico condicionado pelo desabrochar das faculdades nos domínios da fisiologia e da psicologia.

É o que nos ensina a Palavra Sagrada quando preceitua: «Instrui ao menino no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele.» (Prov. 22:6).

Temos de cuidar dos nossos filhos, desde a sua tenra infância, nesta tão importante e nobilíssima tarefa da educação, que para nós é a educação cristã, conforme nos é mostrada pela Irmã White.

«O desenvolvimento gradual das plantas desde a semente, é uma lição objectiva na educação das crianças. Há «primeiro a erva, depois a espiga, e por último o grão cheio na espiga». Aquele que deu esta parábola (Marc. 4:28) criou a minúscula semente, deu-lhe propriedades vitais e determinou as leis que governam o seu desenvolvimento. E as verdades ensinadas pela parábola foram realidade na sua própria vida... Pais e professores devem ter como finalidade cultivar as tendências da juventude, de tal maneira que em cada estágio da vida possa ela representar a beleza apropriada àquele período, a desdobrar-se naturalmente, como fazem as plantas no jardim.» (Educação, pág. 106, 107).

Mais uma vez encontramos neste passo do Espírito de Profecia a aplicação prática da definição de Educação, desse «desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais».

Como sabemos e acabámos de ver nos Provérbios a educação deve ser ministrada desde a meninice; assim se inicia o «desenvolvimento harmônico» próprio da infância, segundo a sugestiva imagem que o Divino Salvador apresentou na parábola do Semeador.

E, desde a infância, nunca mais pode deter-se o movimento educativo, pois tem de acompanhar, sempre, harmonicamente, o desenvolvimento do educando, desenvolvimento fisiológico e psicológico.

Por isso importa preparar as melhores condições para que tal desenvolvimento harmônico se possa processar adequada e convenientemente. Surgem, assim, as várias Escolas, os vários Institutos, as Academias, os Conservatórios, os Liceus, as Universidades, numa palavra, o estabelecimento adrede preparado para ministrar a Educação, isto é: proporcionar o «desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais», de acordo com a finalidade proposta, no plano e na esfera educacional.

Queremos nós, Adventistas, subministrar aos nossos filhos, aos nossos jovens, — a esperança da Igreja — a Educação Cristã, a única que prepara não só para esta vida terrena, mas principal e primordialmente para a Pátria Eterna?

Evidentemente que queremos. Urge, pois, prepararmos o ambiente, o local, numa palavra: o nosso Colégio, onde se pratique a Educação, a única que fará dos nossos jovens dignos cidadãos da Pátria terrena, verdadeiros filhos de Deus e futuros cidadãos da Pátria Celestial.

Uma das nossas constantes preocupações — secundando igualmente os ardentes desejos dos nossos Irmãos da Divisão — é precisamente a de podermos abrir o nosso Colégio de modo a que os nossos jovens ali possam receber a Educação de acordo com as normas elevadas e divinas dos Ensinos da Palavra de Deus e do Espírito de Profecia.

No passado dia 30 de Maio comemorámos o Dia da Educação Cristã.

É a altura de nos esforçarmos, segundo as nossas possibilidades, por contribuir para que dentro em breve seja uma bela realidade o nosso Colégio.

Oremos, de maneira muito especial, neste sentido. Lembremo-nos de que temos de dar aos nossos jovens a educação, a verdadeira Educação, que fará deles os novos pregoeiros da Mensagem, nesta última hora que já está marcando a Volta do Senhor Jesus.

Aproveitemos os ensejos que o Senhor nos concede para por todos os meios ao nosso alcance contribuirmos para que dentro em breve a nossa Escola seja uma realidade.

Adentro das suas portas os nossos jovens receberão aquela Educação — a verdadeira Educação Cristã — que os habilitará a contribuir animosamente com a sua vida e o seu apostolado para todos apressarmos a Vinda gloriosa do nosso bendito Salvador.

A Esposa do Cordeiro

O povo Adventista do Sétimo Dia é um povo que tem prazer no estudo das Sagradas Escrituras. Examinai tudo, é o conselho do apóstolo Paulo (I Tess. 5:21). Todos nós sabemos que confrontar as doutrinas que ouvimos anunciar e pregar com as que estão claramente expostas na Bíblia é um dever que traz sabedoria e enobrece a quem o pratica (Actos 17:11).

É assunto firmado, nas diversas igrejas cristãs, o dizer-se que a esposa do Cordeiro é a igreja. É possível, mesmo, que entre nós haja quem assim pense. Cremos ser bom, neste caso, seguirmos o conselho do apóstolo e examinarmos o que diz a Palavra de Deus a tal respeito.

«E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a esposa, a mulher do Cordeiro. E levou-me em espírito a um grande alto monte e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu». (Apoc. 21:9, 10). A parábola das bodas do capítulo 25 de S. Mateus ajuda-nos a compreender que a esposa representa a santa cidade e que as Virgens que saem ao encontro do Esposo são símbolo da igreja. «No Apocalipse é dito que o povo de Deus são os convidados à ceia das bodas (Apoc. 19:9). Se são convidados não podem, também, ser esposa» (O Conflito dos Séculos, pág. 313 e 314). Além disto é-nos dito que os seguidores de Cristo devem esperar «o seu Senhor quando *houver de voltar das bodas* (S. Lucas 12:36). É claro, pois, que o povo de Deus não pode ser a esposa do Cordeiro. A esposa é, sim, a santa cidade, a Nova Jerusalém celestial.

Mas o que são as bodas do Cordeiro e quando terão lugar? Em Daniel 7:14 pode ler-se que Jesus receberá do Ancião de dias, no céu, «o domínio, e a honra e o reino». Em Apocalipse 21:2 é dito que re-

ceberá a Nova Jerusalém, a capital do seu reino, «adereçada como uma esposa ataviada para seu marido». A palavra original que se traduz por festa das bodas significa também uma festa de inauguração, uma tomada de posição, como governador do povo, investidura de poder (As profecias do Apocalipse de Uriah Smith, pág. 373). Daqui se pode ver que as bodas do Cordeiro, a recepção do Seu reino e da sua capital, a Nova Jerusalém, ocorreu no fim das 2 300 tardes e manhãs quando o nosso Sumo Sacerdote foi à presença do Pai, no lugar Santíssimo do Santuário Celestial. «A proclamação: *Aí vem o Esposo!* feita no Verão de 1844, levou milhares de pessoas a esperar o imediato advento do Senhor. No tempo indicado o Esposo veio, não para a Terra, como o povo esperava, mas ao Ancião de dias, no Céu, às bodas, à recepção do Seu reino». (O Conflito dos Séculos, pág. 314). «Tendo recebido o reino, Ele virá em glória, como Rei dos reis e Senhor dos senhores, para a redenção do Seu povo, que deve assentar-se com Abraão, Isaac e Jacob, à Sua mesa, no Seu reino (S. Mateus 8:11, S. Lucas 22:30) a fim de participar da ceia das bodas do Cordeiro». (O Conflito dos Séculos pág. 314).

Em conclusão: Cristo é chamado o «Pai» do Seu povo (Isaiás 9:6), a Santa cidade é chamada, por S. Paulo como «a mãe de todos nós», o povo de Deus, a igreja, e este é chamado de «Seus filhos» (Isaiás 54:15 e Gálatas 4:26 e 27). «E levando avante a figura das bodas, Cristo é representado como o noivo, a cidade como a noiva, e nós, a igreja, como os convidados» (As profecias do Apocalipse de Uriah Smith, pág. 372 e 373).

«E disse-me: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro». (Apoc. 19:9). Que todos possamos ser chamados e escolhidos é a sincera oração do Irmão em Cristo Jesus.

Casimiro Ferreira

Desmascarando as subtilezas do erro

Cristo não é um ser criado
mas existiu sempre!

III

Compilado por David Vasco

1. Com efeito Col. 1:15 diz «primogénito de toda a Criação».
 - a) Primogénito (em grego prótotokos) pode significar «primeiro gerado» ou ainda «gerado primeiro» que toda a Criação, o que indica pré-existência, mas nunca ter sido criado.
 - b) Se Paulo quisesse dizer «primeiro criado» teria usado a palavra grega prótoktistos, mas não a usou.
2. Heb. 1:5 «Tu és meu Filho, hoje te gerei». Cristo, o Verbo, fez-se carne (João 1:14) e foi gerado pelo Espírito Santo em Maria, passando a conhecer-se como o «Filho de Deus» e «Filho do homem». (Luc. 1:35).
3. Ainda a palavra «primogénito» indica preeminência sobre todos os outros e não obrigatoriamente a ordem no nascimento. A primogenitura podia passar para outro filho. Exemplo: Esau e Jacob. É no sentido da preeminência que Cristo é o primogénito. Ver Col. 1:18.
4. Apoc. 3:14 «O princípio da Criação de Deus...»
 - a) O princípio ou seja a origem da criação, é o que explica Paulo em Col. 1:15-18.
 - b) Portanto é Criador e não criado. João 1:3.
5. Em contrapartida há dezenas de textos que salvaguardam a pré-existência de Cristo desde a eternidade. Alguns deles:

Miq. 5:2 «E tu, Belém Efrata de ti sairá o que será Senhor em Israel, cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade».

Prov. 8:23 Como sabedoria foi unguido desde a eternidade!

Isaiás 40:28 O Criador (Cristo) é o Deus eterno...

Isaiás 9:6 chama-lhe «Deus forte, Pai da eternidade»!

Rom. 9:1-5 Paulo diz que Ele é «sobre todos, Deus bendito eternamente».

Convenção abreviada da Missão interior

Com a apreciada presença dos Irmãos, Pastores Edwards e Belloy, respectivamente Secretários do Departamento da Missão Interior da Conferência Geral e da Divisão, efectuou-se nos dias 25 e 26 de Abril findo, na Igreja de Lisboa, uma Convenção Abreviada da Missão Interior.

Nos balaústres do órgão, sobre a tribuna a sugestiva legenda traçada a letras brilhantes: «O que ganha almas, sábio é».

A Convenção iniciou-se com o culto solene do Santo Dia de Sábado, dia 25, após a sessão normal da Escola Sabatina. O vasto salão da igreja encontrava-se repleto, contando-se, também, a presença dos irmãos e irmãs das igrejas dos arredores com os respectivos Obreiros. À hora do culto, subiram à tribuna, os Pastores Laranjeira, David Vasco, Casaca e evangelista Cordas. O Pastor Laranjeira saúda os presentes a quem dá as boas-vindas, e de modo especial ao Pastor Edwards. Segue-se no uso da palavra o Director da União, Pastor Casaca que depois de em seu nome e no da União ter saudado o Pastor Edwards traçou uma rápida biografia das actividades missionárias do Pastor Edwards, salientando que durante 35 anos exerceu o pastorado nos Estados Unidos, tendo sido reeleito para o importante cargo de Secretário do Departamento da Missão Interior; declarou, seguidamente, que tivera o privilégio de haver assistido à recente Convenção da Missão Interior, em Paris, dirigida pelo Pastor Edwards, onde então pôde testemunhar o extraordinário dinamismo e notável eficiência deste nosso prezado Irmão, a quem deu, imediatamente a palavra, pois a hora era dele e não queria privar os irmãos e irmãs de ouvirem já o Pastor Edwards.

O Secretário do Departamento da Missão Interior, Pastor Edwards, avançou para a tribuna acompanhado pelo Secretário-Tesoureiro da União, Pastor David Vasco, que fez a tradução. Depois de haver manifestado a satisfação de se encontrar entre nós, o Pastor Edwards principiou por evocar a acção de um farol que nos dá uma boa lição no cumprimento do seu objectivo: dar luz e salvação. Assim também nós devemos levar a luz do Evangelho às almas para as salvar. Acrescentou que Portugal é o 107.º país que visita e para o qual traz as saudações dos irmãos e irmãs de todo o Mundo, por onde tem andado. As saudações — disse — variam de terra para terra; nalgumas, inclinam-se as pessoas numa maior ou menor reverência; noutras, apertam-se as mãos; e noutras, abraçam-se. Seguidamente, na pessoa do Pastor Vasco, abraçou todos os Irmãos e Irmãs portugueses. Declarou que se alegrava com o trabalho que se estava realizando, em Portugal, salientando o trabalho que se está efectuando com o telefone, assim como os serviços de Dorcas e agora com a Campanha das Missões, acrescentando que apreciara o que já se havia feito, pelo que lhe foi dado observar, antes do culto, quando o Pastor Laranjeira expôs os resultados dos trabalhos da semana finda. Celebrando-se, neste ano, o 60.º aniversário da Obra em Portugal, disse que a melhor comemoração será a de uma rigorosa fidelidade ao trabalho missionário. Para isso, há que principiar com o culto em casa, com o culto de família, que será assim um cantinho do Paraíso nesta terra. Prosseguindo disse:

«Alegro-me por ver que tendes convosco as vossas Bíblias. Aí tendes um sermão, que nada custa a pregar, e que embora seja mudo,

não deixa de ser valioso. Quando os vossos vizinhos, os vossos conhecidos vos vêem, todos o Sábados, às mesmas horas, ir e vir com a Bíblia, não podem deixar de receber uma lição. Temos de estudar, cada vez mais a Bíblia para a amarmos, também cada vez mais. Das 40 profecias que nos dizem respeito já se cumpriram 37. Faltam ainda três e com elas será o fim, pois estamos vivendo não já, a última hora, mas o último minuto.

Estudaremos estas três últimas profecias, ao mesmo tempo que veremos os três grandes passos que devem ser dados, para podermos chamar muitas almas para a salvação, sabendo apresentar a Mensagem, assim como responder às várias desculpas que costumam ser dadas, e ainda saber dirigir apelos e aumentar o número de baptizados. Em breve, também chegará o Pentecostes para Portugal. Na Nova Guiné temos 25 000 guardadores do Sábado. Na conferência pública de amanhã, à noite, terei oportunidade de vos apresentar projecções sobre a vida na Nova Guiné e o nosso trabalho missionário. Graças a Deus que desfrutais aqui da liberdade para pregar a Mensagem. Num determinado país da Europa, em que os nossos Irmãos não têm essa liberdade, encontravam-se, numa ocasião, reunidos, à porta fechada. Bateram à porta e a polícia entrou, para tirar o nome e moradas de todos os presentes. Quando já se retirava, o pastor disse ao chefe que ainda faltavam alguns nomes. Depois de haver registado mais alguns, ainda lhe disse o Pastor que faltava um outro nome e que era o principal. Perante a muda interrogação do chefe o Pastor pronunciou pausadamente: falta escrever o nome de Jesus.

Prezados Irmãos e Irmãs, que também nós passamos dizer desta

nossa reunião que temos aqui conosco o nosso Divino Salvador. Que aqui tenhamos também os anjos de Deus e que a acção do Espírito Santo se faça sentir. Sinceros «Amens» sublinharam estas palavras do Pastor Edwards, que prosseguiu, dizendo que escolhera para meditação daquela hora o passo de I Samuel 30: «Siclag é saqueada pelos amalequitas; David persegue-os livra os cativos e estabelece a lei da divisão da presa». O Pastor Edwards resumiu, brevemente os episódios narrados no citado capítulo e salientou como David se esforçara, sem nunca, porém, deixar de consultar o Senhor. «É nós — prosseguiu o orador — que fazemos? Muitas vezes criticamos a igreja, criticamos o Pastor, os outros oficiais. Não é assim que DEUS quer que trabalhem.» Chamou, depois a atenção para aquele grupo dos 200 soldados que não puderam tomar parte na perseguição aos amalequitas, porque estavam cansados; mas também fizeram a sua parte: guardaram as bagagens dos que perseguiram o inimigo. Quando David regressou com os despojos e cativos, acompanhado dos seus valentes soldados, fez a divisão da presa. «Notem — prosseguiu — como ele procedeu. Os 400 que o tinham acompanhado não queriam dividir a presa com os 200 que haviam ficado na retaguarda. A recompensa é igual para todos. David estabelece a «lei da divisão da presa»: «qual é a parte dos que desceram à peleja, tal também será a parte dos que ficaram com a bagagem: igualmente repartirão». Assim também se passa com a recompensa que Deus nos quer dar — acrescentou o Pastor Edwards. «A recompensa é a mesma — prosseguiu. Tendes os vossos missionários em Moçambique, em Angola, aqui na Metrópole. Se fordes fiéis nas vossas posições, nos vossos postos, tereis a mesma recompensa. Todos os dias se unem à Igreja 274 almas. Se fordes fiéis partilhareis igualmente na mesma medida com os que estão na frente. De modo algum, portanto, podemos ser comodistas ou negligentes ou inconstantes. Os que forem destes grupos, não ouvirão de Jesus aquelas doces palavras: «Bem está, servo bom e fiel, entra no gozo do teu senhor.»

Ouçamos o que nos diz a Serva do Senhor em Patriarcas e Profetas: «A fidelidade nas pequenas coisas alegra a senda da vida, porque os actos de bondade e de fidelidade terão influência para a eternidade».

Dizem alguns irmãos que não são capazes de fazer muitas coisas. Pois ouçam o exemplo que nos dá uma boa velhinha de 92 anos. Disse, seguidamente, que uma nossa irmã que aos 92 anos de idade foi viver com a filha que não era adventista. Na terra para onde foi morar não havia nenhuma igreja adventista. Pois aquela boa irmã escreveu ao Presidente da Conferência Geral, o Pastor Figuhr, pedindo que enviasse para ali um pastor. O Presidente respondeu que não era possível. Pediu então que lhe enviassem literatura. O Pastor Figuhr encarregou o nosso Irmão Edwards de tratar do caso; enviou para aquela nonagenária irmã apenas 25 folhetos, supondo que seria mais que suficiente. Com surpresa recebeu pedidos contínuos de novas remessas. Durante dois meses não deu ela notícias nenhuma. Escreveu à filha que comunicou que a mãe tinha estado doente com uma pneumonia, mas já estava melhor. Eis como aquela diligente velhinha trabalhava. Ia com a filha, quando esta saía de casa, no seu automóvel para fazer compras. Enquanto a filha fazia as compras, a nossa boa irmã, ficava sentada no carro, abria a porta e convidava os transeuntes a aproximarem-se com os quais trocava breves palavras de saudações cristãs, ao mesmo tempo que lhes entregava os folhetos. A sua frase habitual era: «O sr, ou a sr.^a sabe que Jesus está para voltar?» Pois esta irmã se tiver permanecido fiel há-de receber a mesma herança que os evangelistas. Tal é a lei de David em I Samuel 30:24. O Pastor Edwards terminou relatando ainda o caso de um obreiro que em determinado ano de trabalho não estava contente com o resultado dos seus esforços. Quando procedia a um verdadeiro exame de consciência, sentiu que alguém entrava no seu quarto; era um anjo que lhe pediu todas as chaves que possuía. O obreiro entregou-lhe um molho de chaves e umas tantas outras dispersas.

— Mães nenhuma? perguntou o anjo.

— Há só uma que eu não posso dispensar, respondeu.

— Pois se não entregas também essa, Jesus não toma a responsabilidade do teu trabalho.

«Irmãos, prosseguiu o Pastor Edwards, temos de entregar todas as nossas chaves a Jesus: tempo, talentos, desejos, propósito, actividade, assim como o nosso orgulho, o nosso «eu», todo o nosso «eu». Estamos verdadeiramente dispostos a entregar tudo a Jesus? Só assim é que poderemos ouvir a sua tão promissora expressão: «Bem está servo bom e fiel». Vamo-nos levantar e entregar todas as nossas chaves a Jesus, isto é, o nosso coração e a nossa vida».

O culto findou com uma fervorosa oração do Presidente da União, Pastor Casaca.

À tarde, efectuou-se importante e abençoada sessão de Investidura dos Pregadores Voluntários.

Subiram à tribuna os Pastores Edwards, Belloy, Casaca, David Vasco e Laranjeira.

Após as habituais orações e hino introdutórios, ocupou a tribuna o Presidente da União Portuguesa, que expôs, numa breve e cintilante síntese o significado da cerimónia que ia realizar-se. Depois de salientar que não impende, apenas, sobre os Obreiros a responsabilidade de finalizar a Obra, mas que Deus conta, absolutamente com a Obra dos Leigos — tal é o lema da «IGREJA AO TRABALHO», o Pastor Casaca anunciou que alguns Pregadores Leigos que iam receber a investidura, iriam contar uma ou outra das suas experiências, nas quais haviam sentido, verdadeiramente o toque amoroso da mão de Deus.

Depois deste número do Programa usou da Palavra o Pastor Edwards que tratou com a sua costumada fluência e entusiasmo de Aspectos da Obra Leiga. Depois de se referir às várias e proveitosas actividades que os Pregadores leigos podem desenvolver, referiu como sugestivas confirmações algumas das múltiplas experiências das suas actividades missionárias.

Finda a exposição do Pastor Edwards seguiu-se a Decisão dos Pregadores Voluntários, chamados,

um a um, pelo Secretário-Tesoureiro da União, Pastor David Vasco, que anteriormente havia traduzido o Pastor Edwards.

Formando grupos de três os Irmãos Pregadores Leigos subiram à tribuna para receber a insígnia do seu novo cargo. As insígnias foram-lhes impostas pelos Pastores Edwards, Casaca e Laranjeira.

Já investidos na sua importante missão de Pregadores Leigos passou-se à exposição e formulação do ENCARGO AOS NOVEIS PREGADORES LEIGOS, constituindo, porventura, o ponto culminante de tão tocante cerimónia.

Aqui transcrevemos na íntegra o ENCARGO AOS PREGADORES LEIGOS.

Marcos 16:15:

«E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura».

Lucas 10:2, 3:

«E disse-lhes: Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos; rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara».

Mateus 10:19, 20:

«Mas quando vos entregarem, não vos dê cuidado como, ou o que haveis de falar, porque naquela mesma hora vos será ministrado o que haveis de dizer. Porque não sois vós quem falará, mas o Espírito de vosso Pai é que fala em vós».

Mateus 10:28:

«E não temais os que matam o corpo, e não podem matar a alma; teme antes aquele que pode fazer aparecer no inferno a alma e o corpo».

Lucas 10:5, 9:

«E, em qualquer casa onde entrardes, dizei primeiro: Paz seja nesta casa... E curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: É chegado o reino de Deus».

Lucas 10:16, 19:

«Quem vos ouve a vós, a Mim me ouve, e quem vos rejeita a vós, a Mim me rejeita; e quem a mim me rejeita, rejeita aquele que me enviou».

«Eis que vos dou poder para pisar serpentes e escorpiões, e toda a força do inimigo, e nada vos fará dano algum».

Lucas 10:20:

«Mas não vos alegréis por se vos sujeitarem os espíritos; alegrai-vos

antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus.»

Eclesiastes 11:6.

«Pela manhã semeia a tua semente, e à tarde não retires a tua mão, porque tu não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas.»

Salmos 126:5, 6:

«Os que semeiam em lágrimas, segarão com alegria».

«Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará sem dúvida com alegria, trazendo consigo os seus molhos.»

Gálatas 6:9.

«E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido.»

Daniel 12:3.

«Os entendidos pois resplandecerão, como o resplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça, refulgirão como as estrelas sempre e eternamente.»

Após esta tão solene proclamação do ENCARGO seguiu-se a transmissão viva, de Irmão para Irmão, dos compromissos assumidos, na sugestiva exteriorização da «cadeia» formada por todos os Obreiros e Pregadores Leigos, dando-se as mãos, num longo círculo que procedendo da tribuna se estendia pela igreja, até regressar à tribuna, donde partira: como a que significar que tudo vem de Deus e tudo a Deus regressa.

O Compromisso dos 120 foi representado pelos irmãos A. Diogo e Jorge Pires, numa tocante cerimónia que impressionou todos os presentes.

Assim terminou esta tarde abençoada de Sábado que decerto deixará em todos, com as melhores lembranças, também os melhores propósitos.

À noite, realizou-se uma atraente sessão pelos Jovens da Igreja de Lisboa.

As reuniões de Domingo

No salão da Igreja, com um bom número de assistentes, tomou a palavra, às 9 e 30 o Pastor Edwards, traduzido pelo Pastor David Vasco.

Depois de saudar os presentes que assim começam a semana, reunidos nos casa do Senhor, Principiou por estabelecer uma comparação entre a Praça da Estrela, em Paris, da qual irradiam, largas e numerosas avenidas, com as profecias, que irradiam da Palavra Divina. Como prometera, no culto de Sábado, ia agora tratar das três últimas profecias que ainda não se cumpriram. Recordou algumas muito conhecidas do povo adventista, tais como Mat. 24; II Timóteo 3, Tiago 5, Daniel 12, etc. Evocou o grande sinal dado por Jesus sobre temores, guerras, rumores de guerras, fomes e pestilências. Este ano — acrescentou — na China Vermelha, prevê-se a morte de 20 milhões de pessoas, com fome! Também por toda a parte super-abunda a iniquidade e se desmorona o lar. Em cada três casamentos, conta-se um divórcio, na estatística mundial. Passando, depois, ao estudo das três profecias que ainda não se cumpriram, apresentou a primeira:

1. Mateus 24:14. Salientou que a profecia não diz que Jesus provavelmente virá, ou que tenciona vir, ou que está fazendo planos para vir. Nada disso; trata-se de uma declaração categórica: **Virá.**

«Estamos trabalhando em 190 países — prosseguiu o Pastor Edwards. Ora, como se sabe, há 220 países; temos, portanto, ainda 24 países, onde a Mensagem não penetrou. E podemos talvez perguntar: Quanto tempo demorará ainda a pregação da Mensagem a entrar naqueles 24 países? Não o sabemos, mas podemos contar com a rapidez da execução. É que Deus dispõe de meio que nem sequer conhecemos. Mesmo nos 196 países em que a Mensagem já penetrou, ainda há muitos lugares que não conhecem o Evangelho Eterno. Podemos dizer que somos nós quem possui o maior programa missionário de todas as igrejas evangélicas. Apenas a Igreja Católica o tem mais vasto do que nós, pois o nosso é de longe superior ao de qualquer outra Denominação, quer seja Baptista, ou Episcopal ou Luterana. E temos poucos membros! Talvez, por isso, possa haver, entre vós, quem pense que visto sermos poucos, ainda há-de demorar muito a evangelização do Mundo. Puro engano! Deus tem

milhares de métodos para que o Evangelho eterno seja levado rapidamente, a toda a parte. Basta recordar esse meio poderoso que é a Rádio, a Televisão. Num minuto, uma mensagem pode dar a volta à Terra. Por toda a parte, se encontram hoje, aparelhos de rádio, de pilhas ou transistorados que podem captar grande parte das emissões mundiais. Recordemos o que se passou em Actos 2:8. Eram 12 oradores que falavam para numerosas nacionalidades, que excediam, certamente, o número dos oradores. E, contudo, todos ouviam falar na sua própria língua. É que o Espírito Santo não fala em línguas desconhecidas. Assim também agora Deus, para estes nossos tempos fará coisas muito fora do ordinário.

2.^a profecia: Apocalipse 13-11-18. Como sabemos, os Estados Unidos darão o poder à imagem da besta. Ora esse poder vai ser, dentro em breve, uma realidade. Recordemos que dos 50 Estados que constituem a Federação dos Estados Unidos, 49 já têm uma lei dominical. O que está de fora é o Alaska. Não é para estranhar, pois, que dentro em pouco seja promulgada uma lei internacional sobre a obrigatoriedade do domingo. Quando? Não o sabemos, pois a Bíblia não no-lo diz. Mas estamos divinamente avisados pelo Espírito de Profecia. Compreende-se que o Congresso dos Estados Unidos pode muito bem substituir por uma única lei dominical as 49 dos vários Estados da Federação. Recordemos o versículo 3 deste capítulo 13: «e toda a terra se maravilhou após a besta». Será uma lei que há-de estender-se a todo o mundo. Não podemos ignorar as tentativas de aproximação que se estão fazendo entre Roma e os Árabes e os Hindus. Os países maometanos já enviaram representantes para Roma. Dizem que há diferenças entre as duas religiões, mas podem unir-se num denominador comum que é o Antigo Testamento, pois acreditam no mesmo Deus, assim como em Abraão e Moisés. Também os maometanos admitem a existência de Jesus e a sua missão de profeta. Já foi dado o primeiro passo para unir Maometanos e Católicos. Lemos em Serviço Cristão que quando for publicado uma lei dominical

universal, então será o último acto do drama da humanidade. Ora isto pode surgir repentinamente; haja em vista o modo como o papado aumenta cada vez mas. Sabemos como o Protestantismo está estendendo a mão ao papado. O Concílio do Vaticano II não chama heréticos aos Protestantes, mas sim irmãos convidados a voltar ao lar. Roma confessa que houve erros mútuos, ma que já é tempo de pôr de parte essas diferenças e de todos se congregarem no mesmo redil. Os Protestantes e os Muçulmanos querem unir-se aos Católicos, e então «toda a terra se maravilhará após a besta». Mas tenhamos bem presente que não é a popularidade, nem o número que constituem a igreja verdadeira. Já nos velhos tempos de Noé, pregou ele, durante 120 anos a um mundo de incrédulos que confiavam nas declarações dos sábios de que não havia de chover. Apenas se salvaram oito almas. Mas a verdade estava do lado da pequenina minoria. Também nós hoje constituimos uma bem pequena minoria; mas estamos contentes porque temos conosco a Palavra de Deus.

A 3.^a Profecia encontra-se em Daniel 11:44, 45. Trata-se da luta entre o rei do Norte e o rei do Sul. Mas quem é este rei do Norte? Não é o papado, como alguns supuseram; é antes o conjunto de países que constituem o Próximo Oriente. Ainda há pouco era este Próximo Oriente apoiado pela Inglaterra e pela França; hoje já se desinteressaram; apenas é apoiado, agora, pelos Estados Unidos, mas não vem longe o dia em que também lhe vai retirar o seu apoio. «Virá o seu fim e não há quem o socorra». Talvez dentro em breve, como também depois se levantará Miguel para salvar o seu povo, e então tudo estará terminado. Quando explico isto a pessoas que não são adventistas dizem-me às vezes que quando virem o desaparecimento do Próximo Oriente, então aceitam a Mensagem. Digo-lhes, então, que não é impossível que tal acontecimento se dê, durante a noite, precisamente, quando também podem morrer, e assim não vêm tal acontecimento, arriscando-se a perder-se para todo o sempre. Portanto, se vêem que é esta a verdade, têm de a seguir imediatamente, pois para a verdade não

há nem pode haver nenhuma demora.»

Seguiu-se no uso da palavra o Pastor Belloy, Secretário do Departamento da Missão Interior da Divisão, que foi traduzido pelo Pastor Laranjeira.

Anunciou que ia fazer um estudo consagrado ao encorajamento para o serviço de Deus. Apresentou os seguintes quatro pontos:

1.^o encorajamento: interesse em falarmos de Jesus. Saliu a importância deste interesse, que ilustrou com a seguinte história. O pai de um Secretário de Estado norte-americano, pessoa muito religiosa falava continuamente de assuntos religiosos, mesmo com pessoas desconhecidas. Um dia que o filho dava uma recepção em honra do embaixador belga, recomendou ao pai que à mesa não falasse de religião. Estava tudo a decorrer sem novidades, quando de repente o pai do Secretário de Estado perguntou ao embaixador se ele nunca tinha pensado na eternidade e na salvação da sua alma. Foi como se uma bomba ali tivesse rebentado. Passado pouco tempo, morreu aquele senhor tão religioso. Entre as várias coroas destacava-se uma enorme com uma grande fita em que se lia: «A única pessoa nos Estados Unidos que se preocupou com a salvação da minha alma» Assinado: Emabixador da Bélgica.

Seguidamente disse que há muitas pessoas que desejam que os outros se interessem por elas. Por vezes temos receio de sermos mal recebidos. Tenhamos confiança, pois o Senhor vai à nossa frente. Recordou, depois a experiência das mulheres que correram pressurosas ao sepulcro para ungirem o Senhor; não eram fortes; por isso se preocupavam com a maneira de retirar a pedra do sepulcro. Mas a pedra já estava retirada. O mesmo se passa conosco quando vamos ao encontro de alguém para lhe falar de Jesus; o nosso Divino Mestre vai à nossa frente, para preparar as coisas.

2.^o encorajamento: a garantia, a segurança de que usufruimos da companhia, do companheirismo de Jesus. Temos de recordar a promessa de Jesus. «Eu estou convosco, todos os dias». Podemos contar com esta certeza, assim como também é

certo que Jesus está mais próximo daqueles que trabalham para Ele.

Em I Coríntios 3:9 lemos que «somos colaboradores de Deus». Também em Marcos 16:20 se salienta que o Senhor colabora com os que trabalham para Ele. Note-mos que trabalhar por Deus é o mesmo que trabalhar com Deus; efectivamente, não podemos trabalhar por Deus, sem O termos a nosso lado.

Jesus não diz apenas: Ide. O seu verdadeiro significado é: Vamos. DIZ de facto: Ide, mas subentende: e eu vos acompanharei, Ide... mas eu estarei convosco. A partir do momento em que queremos ir com Jesus, podemos pôr à prova a promessa do companheirismo do Salvador; se formos, Jesus também vai connosco.

Recordou, seguidamente a história de Barac que só quis seguir para a batalha, na companhia de Débora, para ter a certeza de que Deus iria com ele, pois levava a profetisa. Não esqueçamos, portanto, de que temos o melhor e mais eficiente dos companheiros, que é o Senhor Jesus, sugerindo-nos os planos e ajudando a efectuá-los. Somos como aquela criança que, pelo facto de levar um pequeno objecto por ocasião da mudança de casa disse ao pai que ambos estavam a trabalhar.

3.º encorajamento: saber que o testemunho pessoal de um membro de igreja é superior a qualquer pregação. O trabalho pessoal pode ser feito em qualquer parte. Nem todos podem ganhar almas, mediante o bom exemplo. Recordemos como André levou o irmão a Jesus. André não era douto, não tinha nenhum curso. Todos podemos fazer o que ele fez. Um doente, uma criada, um empregado de escritório, todos podem ganhar almas para Jesus. Contou, depois a experiência ocorrida por ocasião de um Congresso de Leigos, na América do Sul. Cada um dos intervenientes fez o propósito de ganhar uma alma para Jesus. Um jovem de 19 anos que também fizera o mesmo propósito, adoeceu gravemente e teve de ser internado num sanatório. Antes, porém, procurara o pastor a quem se queixou dizendo que não compreendia os planos de Deus, que assim o privava de cumprir o seu propósito de ganhar uma alma para

Jesus. O pastor disse-lhe que fosse fiel. No sanatório, aquele jovem colocou na parede por trás do seu leito um quadro com os Dez Mandamentos. Assim atraía a atenção da enfermeira que era católica e de outras que principiaram por confrontar aquela redacção da Lei de Deus com a que tinha no catecismo. Passado um ano, o jovem escreveu ao pastor convidando-o a ir ao sanatório para baptizar 12 pessoas, incluindo irmãs de caridade. Recordou, também o conhecido episódio de Naamã que foi curado pelo trabalho missionário de uma jovem. O Pastor Belloy ainda lembrou um episódio ocorrido com ele e um vizinho; este ia pescar trutas e comentava que uma vez que elas não vinham ter com ele, ia ele buscá-las. Se as almas não vêm até nós, vamos nós até junto delas. Na Bélgica, os pregadores leigos ganharam no ano passado 26 almas, num local onde o pastor no ano anterior só tinha ganho três.

A verdade, continuou o Pastor Belloy, é que os pregadores leigos têm mais eficiência do que propriamente o pastor. Efectivamente, quando o pastor aborda alguém, esta pessoa mostra-se mais reservada, porque entende que o pastor procura aliciar prosélitos, pois é essa a sua profissão. Já assim não sucede com um simples irmão que tem mais autoridade para falar, quando apresenta a questão do Sábado, dizendo que ele também resolveu o seu problema, como de resto o seu interlocutor o pode fazer.

4.º encorajamento: a certeza de que este trabalho comporta resultados gloriosos. Citou Tiago 5:20, salientando que há algo de maravilhoso quando se salva uma alma. Milhares de almas desejam sair das trevas em que se encontram e gritam por socorro. Não devemos recuar falar-lhes de Jesus, pois Ele vai connosco, para aplanar o caminho.

O Pastor Belloy acrescentou que dispomos nada menos de 13 maneiras diferentes para fazermos visitas. Apresentou rapidamente em esquema as principais desculpas que as pessoas abordadas costumam dar: não tenho tempo, sou católico, etc.

A melhor maneira para chamar almas consiste em visitá-las nos seus

lares, mostrar-lhes as Escrituras Sagradas e orar com elas. Estudaremos os degraus para chegar até junto das almas, disse para concluir.

Na reunião da tarde, às 15 e 30 usou da palavra, em primeiro lugar, o Pastor Edwards, traduzido pelo Pastor David Vasco. Começou por dizer que ia apresentar os três degraus, de que falara o Pastor Belloy, para chegarmos até junto das almas.

1.º — Visitar os lares. Jesus começou o seu ministério nos lares. O seu primeiro milagre foi num lar; e foi também num lar — o Cenáculo — que findou a sua vida pública terrena. Lembrou, depois os contactos individuais de Jesus: Nicodemos, a Samaritana, Zaquê. Jesus falando, assim, singularmente, dava grande e irresistível ênfase à maneira de abordar as pessoas. Salientando o catolicismo em Portugal, disse que não se deve falar nas primeiras visitas de assuntos religiosos.

Convém ir dois a dois, como os discípulos enviados por Jesus. Bater à porta e com a maior delicadeza pedir para cumprimentar os donos da casa, ao mesmo tempo que nos vamos fazendo convidados para entrar, entrando mesmo. Diremos que temos desejo de ser prestáveis aos pobres do bairro, ajudando-os. Procurar se há crianças e mostrarmos imediatamente o maior interesse por elas. Se têm boa saúde, se andam na escola, qual o aproveitamento... Os pais gostam de falar dos filhos! Anunciamos então que temos o propósito de entreter as crianças do bairro durante uma hora, por semana, com histórias, passatempos infantis e por isso convidamos os pequenos da casa. Este relato traduz uma experiência efectuada numa cidade. A tal reunião começou por uma hora. Mas a pedido das crianças passou a durar duas horas. Nas primeiras reuniões não se fala de religião nem de histórias bíblicas. Há muitas histórias profanas que apresentam a honestidade, a veracidade, a bondade, etc. Ensinam-se canções, jogos, brincadeiras, etc. Para chamar os pais temos de principiar por aquilo que têm mais próximo do coração, os filhos. Passado tempo começam as histórias bíblicas, algumas poesias e cânticos religiosos.

Depois anuncia-se uma sessão solene, para apresentação das crianças; estas convidam os pais, que certamente as vão acompanhar. É necessário que estejam bem preparadas, bem ensaiadas, para que os pais fiquem satisfeitos e radiantes com a apresentação dos filhos! Será um verdadeiro «serão familiar»; nada de religião.

Quando chegar a altura já podemos explicar Daniel 2 com gravuras.

2.º — O folheto. Trata-se de um folheto católico que tem a devida autorização eclesiástica. Recomenda calorosamente a leitura da Bíblia. Temos assim boa oportunidade de dizer: «Como vê, a Igreja Católica recomenda a leitura, o estudo da Bíblia. Tem, portanto, de cumprir tal desejo». Depois podemos falar do Curso Bíblico por correspondência, gratuito, que é a nossa Escola Rádio-Postal.

Roma que era acusada de não ter, quer agora que os seus sequazes, quer agora que os seus sequeas a leiam, para atrair os Protestantes.

3.º — Método: a beneficência. O mais simples e mais fácil é o de Dorcas. Recordou a expressão da Irmã White: «O ministério da beneficência e da saúde é a porta por onde entramos nos lares». Usemos, portanto, o método de Dorcas. Não vamos, porém, dizer que somos da Igreja Adventista. Diremos antes: vimos da parte de Serviços de Assistência e estamos empenhados em conhecer quais as pessoas necessitadas deste bairro, ou desta rua, ou desta freguesia, etc. Desejamos auxiliar os pobres, os indigentes, os inválidos. É um bom meio de entrar em contacto com muitas almas.

4.º — A Saúde. Toda a gente gosta de falar acerca das suas doenças, dos seus achaques ou da sua saúde, assim como das operações cirúrgicas que fez, etc. Temos numerosos folhetos sobre Enfermagem Caseira; temos as nossas publicações sanitárias. Em Portugal temos a vossa Revista SAÚDE E LAR. É um bom meio de inculcar estas boas leituras e travar relações com almas que poderão ser ganhas para a verdade.

E há tantos outros processos, disse.

Seguidamente deu a palavra ao Irmão Belloy para falar sobre o

2.º degrau. O Pastor Belloy começou por dizer que quando foi pregador pusera em prática o trabalho pessoal, isto é o contacto pessoal, conforme as circunstâncias e as oportunidades. É claro que nem todos podem dar estudos bíblicos. Disse, então que há tempos o Irmão Edwards, ali presente, encontrara nos manuscritos ainda inéditos da Irmã White, algo que muito admirou toda a Igreja: a declaração de que todos os crentes podem dar estudos bíblicos.

Para isso vai apresentar três processos:

1.º — Um meio simples, fácil, eficaz: fazer da própria Bíblia uma concordância. Há uma série de 25 Lições com textos paralelos e concordantes.

Trata-se de um precioso auxiliar da memória que pode ser usado por todos os irmãos.

2.º — O jogo das cartas. Não se

trata das cartas de invenção de Satanás. Este jogo é de invenção divina; são cartas bíblicas. Têm os mesmos títulos das Lições precedentes. Trata-se de 25 envelopes, cada um dos quais tem 12 folhas, em cada uma das quais se encontram determinadas perguntas a respeito do título da Lição que vai ser dada. Distribuem-se estas «cartas» pelos circunstantes, tantas a cada um, conforme o número dos «jogadores», que neste caso são as pessoas a quem vamos dar o Estudo Bíblico. Em cada envelope há um papel que contém os passos bíblicos a cada uma das respostas, papel este que fica em nosso poder e que serve para nós indicarmos os passos que respondem a cada pergunta; estes passos devem ser lidos pelos interessados nas suas próprias Bíblias. Basta só a leitura do texto; poucos comentários, pois tal é a índole do Estudo Bíblico.

(Continua)

O dia da Rádio

A. Casaca

No dia 6 de Junho as nossas atenções são dirigidas de um modo especial para a iminente realização da Bem-Aventurada Esperança, para a qual também está contribuindo a TSF.

Nunca como nestes nossos dias se cumpriu a promessa cantada pelo Salmista: «Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos... Em toda a extensão da terra, e as suas palavras até ao fim do mundo» (Salmo 19:1, 4).

Por ocasião do Pentecostes, muitas e várias línguas se fizeram ouvir, mas num recinto bastante limitado. É certo que essas vozes ecoaram, depois, através das sólidas estradas de basalto do Império Romano, mas, muito devagar e paulatinamente.

Mas hoje, graças à maravilhosa TSF e à assombrosa TV é possível, em poucos minutos levar a Mensagem a toda a Terra.

Graças a Deus por tão sublime meio que é posto à nossa disposição.

Na América do Norte, centenas de estações de emissoras lançam para o ar, durante quase todo o dia, a Mensagem da Salvação.

Vai-se cumprindo rapidamente o sinal, o grande sinal, precursor imediato da Volta do Salvador: «É este Evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todos as gentes, e então virá o fim». (Mateus 24:14).

Todos ansiamos por encontrar o nosso Divino Salvador, para nos conduzir através da mais surpreendente das viagens interplanetárias para iniciarmos com Ele aquele reino da vida eterna que nos reservou desde sempre.

Contribuamos, generosamente, para os serviços da Rádio, para que ela prossiga no seu importante trabalho de apressar a Vinda gloriosa do nosso bendito Salvador.

O dia das classes progressivas

A. CASACA

É no Sábado 13 de Junho que comemoramos o Dia das Classes Progressivas. Tal como as criancinhas constituíam para o nosso Divino Mestre um objecto de predilecção especial, assim os nossos jovens podem ser considerados as pupilas da Igreja Adventista.

No meio dos desvaios que estão soprando satânicamente por sobre a actual civilização, procurando destruir, especialmente, a Juventude, compreende-se perfeitamente que tanto as Igrejas como os Governos procurem defendê-la contra as arremetidas do mal e dos seus apauiguados.

Por isso se justifica o carinho que a Igreja, a nossa Igreja dispensa solícitamente aos nossos jovens.

São eles, estes nossos briosos jovens quem amanhã há-de tomar o facho da nossa Bem-Aventurada Esperança para continuar a incendiar os corações e a iluminar as almas.

Nada é demais o que se fizer pelos nossos Jovens.

Dizia-nos há tempos o nosso Irmão Belloy que só se pescam frutas indo ao seu encontro; e, acrescentava, soridente: até é preciso fazer-lhes cócegas, para elas escorregarem mais facilmente para as mãos.

É assim mesmo. Temos de chamar os Jovens; compreender os seus problemas, viver com eles, captar-lhes a confiança para então lhes podermos indicar o caminho, o verdadeiro caminho que conduz a Jesus.

O Evangelho não é triste. Longe disso. Está cheio de alegria, de poesia, de entusiasmo, de dedicação, de juventude. Está cheio de todas

as nobres qualidades que caracterizam a Juventude. Apresentar aos Jovens um Jesus triste, fechado, alheio aos seus problemas é falsear a missão que o Senhor nos confiou, é trair o mesmo Jesus, é afastar para sempre as almas dos Jovens.

Temos de lhes mostrar que no Evangelho encontram a resposta para as suas dúvidas, para as suas perguntas.

É claro que nem todos sabemos como se faz isso. Pois é precisamente para realizar tal trabalho — tão grande e importante trabalho — que temos a nossa abençoada

Sociedade dos MV com as suas preciosas Classes Progressivas.

Incumbe aos pais adventistas, a todos os Obreiros encaminhar os Jovens para as Classes Progressivas.

Serão uma bênção para cada igreja local, que terá naquele aguerrido batalhão de jovens um dos mais preciosos auxiliares para desempenhar a sua missão.

Os Jovens estão sempre prontos, com todo o seu entusiasmo e ardor a dar o melhor dos contributos para a Campanha das Missões, para o Esforço de Evangelização, para a Distribuição de Literatura, para orar e para visitar os doentes.

Que Deus abençoe grandemente a nossa Juventude e a guarde e defenda para o Seu glorioso serviço aqui na terra e para a Sua glória, na Pátria ETERNA!

Campanha das Missões

(Continuação da pág. 4)

deríamos ver se não fosse a Campanha. Bendito seja este belo trabalho!»

Deixamos aqui uma confidência, que a Irmã não contou certamente por modéstia, mas que nós para a todos nos servir de estímulo, não queremos deixar de registar. Esta Irmã completou o seu alvo e o do marido também pessoa idosa, indo junto dum posto de abastecimento de gasolina e aí vendendo a Revista às pessoas que por ali passavam nos seus carros.

Fizemos depois estas mesmas perguntas a uma Irmã que é um dos nossos mais recentes membros pois foi no Sábado 11 de Abril deste ano que desceu às águas baptismais. Trata-se da Irmã Ana V. Gonçalves, que já tomou parte num bom número de saídas da Campanha das Missões e que se tem dedicado a este trabalho com um espírito verdadeiramente missionário.

«Tenho muito prazer e alegria em trabalhar na Campanha das Missões. Considero isso como sendo uma preciosa bênção que o Senhor me concede. O simples pensamento de estar trabalhando para Deus, é, sinto, um grande benefício para a minha alma. Poder colaborar nesta obra e conhecer novas terras e gentes a quem falar de Jesus. Realmente também acho que durante a Campanha das Missões é uma boa altura para contactos de Evangelização pois que além dos dinheiros recebidos para o avanço da Causa, podemos falar e dar a conhecer o nosso muito querido e amado Salvador Jesus.»

Escolhemos a findar estes depoimentos dos nossos crentes sobre a Campanha, uma senhora cristã que ainda não é membro oficial da nossa Igreja. Ela veio duma Congregação Evangélica da qual era membro e onde por estudo pessoal estava procurando conhecer mais

acerca da Verdade, Chama-se Maria do Carmo Santos e tem nestas primeiras saídas missionárias da Campanha realizado um belo esforço.

Escreveu ela: «Não só tenho prazer em colaborar na Campanha das Missões, como ainda considero ser uma bênção de Deus o privilégio que tenho de poder contactar com tantas e tantas almas que necessitam da Luz do Evangelho. Os benefícios pessoais que obtenho são por certo de ordem espiritual, visto que o mundo nos oferece um quadro tão desolador que nos leva a aproximar mais e mais de Deus, implorando a Sua Divina Misericórdia para uns e a agradecer e louvar a Deus pelo que tem feito por outros e muito especialmente por nós, ensinando-nos os Seus Santos Caminhos e oferecendo-nos a grande salvação. Quanto às possibilidades para contactos de Evangelização, sem dúvida alguma que as temos, assim o Senhor nos ajude nas horas oportunas a falar como convém a cada alma mostrando-lhe o Caminho da Verdade e a Vida como nos ensinou Jesus através das Sagradas Escrituras».

Prezados Leitores é isto a Campanha das Missões. Esta é a Campanha das Missões vista pelo seu verdadeiro ângulo. Urge nos tempos difíceis em que nos encontramos e sobretudo tendo em vista o tempo de angústia «o qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo» (Dan. 12:1), e em que toda a espécie de obstáculos serão postos diante da nossa generosa missão, que agora todos nós crentes adventistas, possamos sentir no nosso coração um verdadeiro amor e entusiasmo por este nobre trabalho da Campanha das Missões.

Quando este escrito sair do prelo, já a Campanha das Missões terá acabado num bom número de Igrejas e noutras estará prestes a terminar. Prouvera ao Senhor que estas vitórias tão belas que Ele nos concedeu possam ter a dita de ter servido à nossa edificação espiritual e também ter contribuído grandemente para que muitas almas possam ser levadas a examinar com um sincero interesse as coisas respeitantes ao Reino de Deus.

José Manuel de Matos

O dia dos baptismos

A. Casaca

É a 20 de Junho que neste Trimestre que finda a primeira metade do ano, a Igreja celebra o **DIA DE BAPTISMOS**.

S á b a d o duplamente bendito: abençoado, de modo especial pelo Senhor, como o Seu Dia Santo, e agora também abençoado como Dia em que mais algumas preciosas almas vão selar o seu pacto de amor com o Senhor Jesus.

Podemos dizer que todas as actividades da Igreja convergem para que este Dia dos Baptismos se revista do maior esplendor. É que, quantas mais almas se agregarem à Igreja, tantas mais vozes autorizadas e convictas estarão prepara-

das para apregoar a Vinda gloriosa do Salvador.

É sempre impressionante uma cerimónia baptismal. Se abirmos o nosso coração à doce influência do Espírito Santo, sentiremos a Sua voz segredar-nos aquelas boas palavras que pronunciamos no dia do nosso baptismo, assim como reviveremos os bons propósitos que então formulámos.

E associados aos cânticos de louvor também os anjos cantarão conosco irmanados no mesmo preito de amor e reconhecimento ao nosso bendito Salvador.

Graças a Deus que este primeiro semestre de 1964 foi grandemente abençoado pelo Senhor.

Baptismos realizados no primeiro trimestre de 1964

ZONA A — Alvo: 100	Alcançado: 17
1.ª Igreja (Joaquim Bonifácio)	— 7 —
2.ª Igreja (Alvalade)	— 4 —
3.ª Igreja (General Roçadas)	— 4 —
Igreja do Colégio	— —
Cascais	— 2 —
Amadora	— —
ZONA B — Alvo: 80	Alcançado: 15
Porto	— 6 —
Oliveira do Douro	— 4 —
Avintes	— —
Canelas	— —
Espinho	— —
Viseu	— 5 —
Coimbra	— —
F. da Foz	— —
ZONA C — Alvo: 70	Alcançado: 16
Tomar	— 8 —
Portalegre	— 1 —
Comenda	— —
R. de Nisa	— —
S. Julião	— —
Setúbal	— —
C. Piedade	— 4 —
Barreiro	— 3 —
Seixal	— —
Faro	— —
Vila Real de Santo António	— —
CONFERÊNCIA — Alvo: 250	Alcançado: 48
MADEIRA — Alvo: 22	Alcançado: 9
AÇORES — Alvo: 25	Alcançado: 21
CABO VERDE — Alvo: 43	Alcançado: —
UNIÃO — Alvo: 340	Alcançado: 78

CONCÍLIO VATICANO II

Dr. B. B. Beach

No dia 29 de Outubro de 1963, o Segundo Concílio do Vaticano tomou uma decisão concernente à questão tão controvertida da reforma do Calendário. Em Roma, este voto do Concílio não chamou a atenção especial. Na imprensa mundial, as reacções suscitadas tomaram duas formas diametralmente opostas. Uma ignorou completamente esta decisão ou apenas lhe consagrou umas poucas de linhas; a outra, pelo contrário, consagrou-lhe comentários extravagantes.

Certas publicações foram até ao ponto de pretender que o Concílio do Vaticano tinha escolhido uma data fixa para a celebração da Páscoa e dera a sua adesão a um projecto de calendário perpétuo comportando um «dia branco». São falsas notícias. No momento em que estamos escrevendo estas linhas, temos diante de nós um dos principais jornais da Suíça italiana no qual lemos este título: «O Concílio poderia transformar a vida do mundo: votou pelo princípio de um calendário universal. O dia 1 de Janeiro seria sempre um domingo, as festas cairiam sempre no mesmo dia.» Estas afirmações são nitidamente exageradas: contudo, não queremos minimizar o alcance deste voto do Concílio, particularmente no que diz respeito aos seus desenvolvimentos ulteriores eventuais.

Que é que o Concílio votou, afinal? Presentemente, o texto exacto da declaração aprovada é muito difícil de obter, porque um esquema ou uma secção aceites são consideradas como informações confidenciais, até que o esquema seja oficialmente promulgado pelo papa. A declaração votada pelo Concílio do Vaticano referente à revisão do Calendário não é, na realidade, senão um apêndice de quatro parágrafos no capítulo 7 (que trata do Ano litúrgico) do esquema sobre a liturgia. Contudo, é curioso notar

que o boletim de 29 de Outubro de 1963 do Gabinete da Imprensa do Vaticano, anunciando o voto dos «padres conciliares» sobre o conjunto do capítulo V deste esquema não diz nem uma palavra do apêndice que se refere à reforma do calendário. Pode, por isso, presumir-se que este ponto é considerado como não sendo senão uma questão entre outras de igual importância.

A declaração aprovada pelo Concílio tratou de duas questões diferentes, mas conexas (1): fixação da Páscoa, cuja data diz respeito, evidentemente ao calendário católico. (2) estabelecimento de um calendário perpétuo que, por outro lado, se applicaria à sociedade civil.

O concílio declarou que liga uma grande importância aos numerosos pedidos que lhe foram dirigidos para se estabilizar a Páscoa e para estabelecer um calendário mais prático. Depois de haver considerado todas as consequências que podem derivar da aceitação de um novo calendário, declarou que não se opõe à determinação, para a Páscoa de um domingo fixo do actual calendário gregoriano, desde que aqueles para quem esta questão se reveste de importância estejam de acordo, particularmente os irmãos (isto é as Igrejas não-católicas). O Concílio afirmou, de resto, que não se opõe às diversas iniciativas que pretendam o estabelecimento de um novo calendário perpétuo, desde que a semana de sete dias, com o domingo, seja salvaguardada, e que nenhum dia seja excluído da semana. A sucessão das semanas deve permanecer intacta, excepto por razões muito importantes sobre as quais a Santa Sé se reserva o direito de resolver.

Do parágrafo acima escrito resulta que o Segundo Concílio do Vaticano não decidiu fixar a data da Páscoa. Declarou, simplesmente, que não se lhe opõe, com a condição de as outras igrejas cristãs esta-

rem de acordo. É evidente que, para se chegar a um acordo que modifique a maneira de calcular a data da Páscoa, seriam necessárias longas e laboriosas negociações, e que só seriam levadas a cabo pelas principais Igrejas. Actualmente, as Igrejas romana e ortodoxa utilizam o mesmo sistema; contudo, por causa da diferença dos calendários litúrgicos vigentes e da exigência dos ortodoxos de que a Páscoa cristã não coincida com a Páscoa dos Judeus, esta festa é geralmente celebrada em datas diferentes, em Roma e em Constantinopla.

É também evidente que a Igreja Católica não votou a favor de um tipo de calendário que rompesse o ciclo hebdomadário. Nem sequer votou por uma revisão do calendário que alterasse a ordem da semana. Tudo o que o Concílio fez, foi declarar que não se opõe às iniciativas feitas por outros com o objectivo de determinar uma mudança do calendário, contanto que a ordem dos dias da semana e a sucessão das semanas não sofram nenhuma alteração. Mas o Concílio não tomou nenhuma iniciativa a este respeito.

Posição anterior da Igreja Católica

É útil compreender, pelo menos, a declaração do Concílio do Vaticano referente à reforma do calendário, e no que diz respeito à posição da mesma Igreja no passado,

Em 24 de Fevereiro de 1582, o papa Gregório XIII na sua Bula *Inter Gravissimos*, proclamava um novo calendário. Isto prova que naquela época a Igreja Católica tinha a convicção de que uma mudança do calendário civil era das suas atribuições. Depois de vários séculos, este calendário acabou por ser aceite de uma maneira geral. Foi introduzido na Rússia, em 1919, na Grécia, alguns anos mais tarde, ao passo que a Roménia só o adoptou em 1928.

Pouco depois de ter sido proclamado este calendário gregoriano, já era objecto de críticas de um certo número de pessoas. A partir do séc. XVIII as críticas precisaram-se: visavam à supressão da instabilidade deste calendário pela introdução de um calendário novo, fixo e perpétuo. Segundo os documentos conservados no Vaticano, o padre italiano Marco Mastrofini foi o iniciador deste movimento a favor da reforma do calendário. Em 1834, publicou uma obra na qual preconizava um calendário simétrico universal, que fazia cair cada dia do ano no mesmo dia da semana. Para obter este resultado dava ao dia 365.º do nosso actual calendário, em excesso sobre o total dos cinquenta e duas semanas ou trezentos e sessenta e quatro dias, o nome do último dia de Dezembro. Este dia era considerado como não fazendo parte do ciclo semanal. A Associação para o Calendário Mundial, fundada em 1930, elaborou em 1937 um «Calendário Universal» compreendendo quatro trimestres iguais de 91 dias, mais um dia branco depois de 30 de Dezembro. Este projecto de reforma de calendário, que é provavelmente o mais popular de todos os que têm sido imaginados, não é, no final das contas, senão o do velho Mastrofini «requentado».

O Vaticano nunca se declarou a favor de tais projectos de reforma do calendário. Há alguns anos atrás o «Osservatore Romano», jornal oficial do Vaticano, publicava um artigo, de fonte autorizada, um pouco desfavorável aos projectos de reforma deste género. O autor deste artigo, o padre Giuseppe Pizzoni, fazia notar que as autoridades eclesiásticas católicas não se opunham à introdução, no calendário, de mudanças que consistissem, por exemplo, na transferência de um dia de um mês para outro, mas que era de esperar que se opusessem a uma reforma que afectasse a semana e que atingisse a religião. Embora uma tal reforma do calendário não entre em conflito com o dogma católico, o «Osservatore Romano» considerava-a como injustificada e inaceitável. Três argumentos fundamentais se opõem à reforma do calendário: (1) a tradição, (2) a

ruptura do ciclo semanal; (3) a dificuldade de obter o consentimento geral. Acerca da fixação da data da Páscoa, o autor do artigo nota como forte a tradição segundo a qual a data desta festa deve ser fixada de acordo com as fases da lua do Equinócio da Primavera, tanto para a Páscoa judaica como para a Cristã. Sublinha também o facto de a semana não ser uma divisão do tempo baseada num fenómeno natural, nem simplesmente um período de sete dias iguais, mas um grupo de dias hierárquicos reunidos em torno de um dia principal, o Sábado ou o domingo. Uma vez que a semana corresponde aos sete dias da criação mencionados no Génesis, o padre Pizzoni nota que a semana é uma instituição religiosa de origem divina. Além disso, vai até pensar que a introdução de um novo calendário poderia aumentar as divisões religiosas, em vez de as diminuir, como o prova o facto de terem sido necessários três séculos para que o calendário gregoriano fosse aceito de uma maneira geral.

Uma evolução

Os pontos de vista expostos pelo padre Pizzoni parecem ter representado a opinião do Vaticano, até uma data recente. Contudo, houve uma certa evolução, especialmente entre os peritos do Vaticano, a respeito da reforma do calendário em geral, e mais particularmente, no que diz respeito à fixação da data da Páscoa. O Dr. G. Rossi, um dos nossos especialistas da liberdade religiosa, teve, recentemente, ocasião de se avistar com o padre Pizzoni, e teve a surpresa de ouvir desenvolver um ponto de vista diferente do que o mesmo padre tinha sustentado no artigo acima mencionado; já não se mostrava hostil à introdução de um calendário perpétuo. É à luz destes desenvolvimentos que temos de considerar a declaração do Concílio no que diz respeito à mudança do calendário.

A reforma do calendário não foi discutida, verdadeiramente no seio do Concílio. Provavelmente, porque os bispos consideraram esta questão como técnica, pelo que devia ser estudada, previamente, pelos

«periti», isto é, pelos entendidos, no seio de uma comissão. A declaração relativa ao calendário foi votada como um apêndice, quase sem oposição. Efectivamente, dos 2193 Padres Conciliares que votaram, só 21 apresentaram um voto contrário.

Durante a nossa estadia em Roma, tivemos ocasião de falar desta questão com o arcebispo Bafile de Antioquia, núncio papal na Alemanha. Esta personalidade de primeiro plano da diplomacia papal é provavelmente de entre os «Padres Conciliares» o que mais se interessa por esta questão da reforma do calendário. A sua intervenção no seio do Concílio é considerada como a mais substancial das raras referências a esta questão, que se fizeram em S. Pedro, durante o Concílio. Recebeu-nos no salão da Academia Pontifícia para a preparação dos serviços estrangeiros do Vaticano, e falou-nos clara e livremente da posição actual da Igreja católica romana no que diz respeito à reforma do calendário. Declarou-nos que Roma não levantará nenhuma dificuldade para a fixação da data da Páscoa, se os outros cristãos estiverem de acordo. A Igreja Católica não se opõe a um novo calendário desde que este respeite, ao mesmo tempo, a semana e a sucessão das semanas. Prevê, pelo contrário, enormes dificuldades, no caso de que se queira introduzir um calendário mundial com dias brancos. Pensa o arcebispo de Antioquia, que na realidade este género de reforma do calendário parece irrealizável.

Julga que a velha tradição se opõe muito fortemente a uma interrupção do ciclo semanal. Os judeus, assim como os Adventistas opõem-se a isso categoricamente, e parece que os Mulçumanos também pensam da mesma maneira. Quanto aos Ortodoxos, nem sempre aceitaram o calendário gregoriano. Aquele prelado romano pensa que será extremamente difícil obter o assentimento de todas as Igrejas.

O mesmo arcebispo ainda declarou que, embora a Igreja Católica seja hostil a um calendário perpétuo, que perturbasse o curso da semana, «não é, contudo, absolutamente oposta, se houver para isso razões importantes.» Quando lhe pedimos que desse um exemplo de

tais razões, aquele distinto prelado aludiu a um perigo hipotético, como o da aceitação de um calendário que não respeitasse a semana, como foi o caso da Revolução Francesa, quando estabeleceu um sistema de calendário baseado num ciclo de dez dias. Contudo, o arcebispo de Antioquia garantiu-nos que a Igreja Católica quer conservar a semana, tal como é.

No decorrer da nossa conversa, o nuncio chamou-nos a atenção para o facto de que se pode adoptar um calendário perpétuo, sem quebrar o curso da semana. Pode obter-se este resultado, introduzindo, simplesmente, uma semana suplementar de tempos a tempos. Este calendário teria as mesmas vantagens comerciais que o da Associação para o Calendário Mundial, mas sem ofender nenhum sentimento religioso. O inconveniente seria o desvio máximo de uma semana entre o calendário e o ano solar. O arcebispo Bafile declarou que a igreja Católica não se opõe a uma reforma do calendário deste género, e que ele próprio lhe é favorável.

Numa conversação, o eminente teólogo católico Gustavo Weigel manifestou pensamentos semelhantes aos do arcebispo de Antioquia. O padre Weigel declarou-nos que a Igreja não propõe a reforma do calendário, mas que não se lhe opõe. Roma não quer quebrar o ciclo semanal, mas a sua posição neste ponto não é absoluta. Toda a mudança do calendário implicaria consultas com os outros cristãos. Ao passo que no tempo de Gregório XIII, a Igreja Católica tomou a iniciativa da reforma do calendário, Roma, hoje, tem a opinião de que um calendário civil é uma questão secular da competência da Assembleia das Nações Unidas, e não das Igrejas. Por outras palavras, a reforma do Calendário não é de uma importância vital para a Igreja Católica. O arcebispo de Antioquia afirma ainda que o desejo de que haja um calendário perpétuo não se manifesta no seio da Igreja Católica. Mas, por outro lado, há muitos eclesiásticos católicos que desejam uma data fixa para a Páscoa.

No decorrer das conversações que tivemos com o arcebispo Bafile, este prelado manifestou a opinião de que a semana é de origem divina, em-

bora, julgue que os sete dias da criação sejam períodos geológicos. E acrescentou: «A igreja Católica Romana tem o direito de mudar a semana». Citou, para provar este direito o facto de a igreja ter mudado a semana, efectuando a passagem do Sábado para o domingo.

Parece-nos que rejeitando o Sábado, a Igreja Católica enfraqueceu, bastante a sua posição no que diz respeito à inviolabilidade da semana. Não é portanto para admirar que lhe é difícil, senão impossível tomar uma *posição absoluta* a respeito da santidade da semana. Tendo tomado a responsabilidade de «mudar os tempos» (Daniel 7:25), centralizando a semana no domingo, em lugar do Sábado da Bíblia, a Igreja Católica tornou insustentável a sua posição tradicional relativa à origem divina da semana. É a esta luz que temos de considerar a declaração do Concílio que prevê a possibilidade extrema de aprovar um calendário que quebre o ciclo da semana, «*se houver razões importantes para isso.*»

A atitude dos judeus

Qual foi a reacção da comunidade judaica à declaração do Vaticano relativa à revisão do calendário? O Dr. Rossi e eu tivemos ocasião de falar desta questão com o Dr. Elvio Toaff, grande rabino de Roma e membro do Comité da Conferência Rabínica Europeia. Quando em 1956, o Governo indiano apresentou à UNESCO um projecto de reforma do calendário, os dirigentes Judeus opuseram-se-lhe. O actual papa, que era então pró-Secretário de Estado informou o Dr. Toaff que a Igreja Católica pediria que a questão fosse adiada *sine die*.

Quando o papa João XXIII permitiu a inscrição da questão da reforma do calendário na agenda do Concílio do Vaticano, a Conferência Rabínica Europeia interveio várias vezes. Os componentes desta organização tiveram então a impressão de que o Concílio se pronunciará a favor de uma reforma do calendário litúrgico que estabilizasse as datas de certas festividades, mas que não faria nenhuma declaração a favor de uma reforma geral do calendário. Contudo, o

Dr. Toaff salienta, muito justamente, que o voto feito pelo Concílio, abriu a porta para a introdução de mudanças de ordem mais geral no calendário.

O Dr. Toaff declarou, francamente, que «a comunidade judaica está muito preocupada e que tem o sentimento de se encontrar perante um sério perigo». Pensa ele que os muçulmanos estão mais ou menos favoráveis ao projecto indiano de 1956 ao qual as «Repúblicas populares» do Leste não se opuseram. Na sua opinião, o Vaticano, quando interveio em 1956, estava «decidido a fazer adiar definitivamente o projecto». Se, em 1956, a Igreja Católica fez com que se adiasse esta questão, foi, pensa ele, porque ainda não estava madura (ainda não se tinha chegado a nenhuma aproximação com a Igreja ortodoxa), e não porque ela lhe fosse hostil.

«Todas as tendências do Judaísmo estão unidas na oposição», afirmou o grande rabino de Roma. É certo que alguns liberais, particularmente nos Estados Unidos, seriam favoráveis à reforma do calendário, mas unem-se, contudo, aos que se lhe opõem. «Os Judeus estão de acordo em contribuir para reformas que não afectem o ciclo semanal», afirmou o nosso interlocutor, que acrescentou: «Também apresentamos os nossos projectos».

É difícil, se não impossível, prever a volta que vai tomar esta questão da reforma do calendário no seio da Igreja Católica. Temos a impressão de que, presentemente, ela tende a opôr-se a mudanças que impliquem a introdução de dias brancos. Contudo, temos de reconhecer que a sua hostilidade para com este tipo de calendário diminuiu bastante. Certos meios católicos não são desfavoráveis aos objectivos da Associação para um Calendário Mundial. O Cónego Gerhard Fitkau, director da secção alemã da Imprensa do Concílio, declarou-me sem hesitação, que, em sua opinião, a Igreja Católica «nada tem contra a introdução de dias brancos no calendário, pois não vão abolir a semana.» Para ele, importa conservar a semana como unidade de base, mas «a introdução de um dia branco não tem nenhuma importância».

Relatório do Departamento das Publicações

1.º Trimestre

É agradável e acima de tudo proveitoso, no fim deste primeiro trimestre parar um instante, considerar um pouco sobre o nosso trabalho e fazer um balanço das nossas actividades.

Este trimestre foi para nós um período animado, pois todos os colportores se dedicaram e não se negaram a qualquer esforço, procurando fazer o seu melhor. Pelos números que se seguem, os leitores da Revista Adventista podem aperceber-se como os nossos valorosos colportores se dedicaram à Obra: 6.675 horas consagradas aos contactos pessoais, que permitiram colocar 2.684 livros repletos da nossa mensagem e adquirir 1.613 assinaturas da Revista «Saúde e Lar». Consideramos estes resultados magníficos e só desejamos guardar este ritmo e se possível aumentá-lo. Elevamos-nos a Deus num voto de gratidão, pois «o Senhor é o meu ajudador» (Heb. 13:6).

Enquanto uns se extasiavam na contemplação dos resultados alcançados, outros irmãos certamente, mais observadores, perguntam com pertinência: «Mas... limita-se a isto o trabalho dos nossos colportores?» Seria verdadeiramente pouco!

Cada colportor é um evangelista, que vai onde o pastor não pode ir. Onde quer que se encontra tem um trabalho pastoral a fazer e é esse o aspecto mais interessante da nossa tarefa. Além dos livros e revistas que vende, o colportor distribui folhetos, faz inscrições para a Escola Rádio-Postal, dá estudos bíblicos, ora nos lares e convida as almas a assistir aos nossos cultos. Foi assim que nos primeiros três meses do ano os colportores tiveram as seguintes actividades missionárias:

Folhetos distribuídos	1.585
Inscrições para E. Rádio-Postal	74
Estudos bíblicos	265

Lares onde oraram	80
Antigos adventistas trazidos à Igreja	4
Pessoas novas trazidas à igreja	2

Muito mais temos para fazer, mas para já, esperando as bênçãos que Deus tem reservadas para cada um de nós, neste trabalho de evangelização, podemos declarar com reconhecimento: «até aqui nos ajudou o Senhor». Agradecemos a Deus, em primeiro lugar, pela maneira como nos dirigiu e nos abençoou; agradecemos a todos os nossos valorosos colportores pela sua maneira dedicada, pela sua boa colaboração e pela sua consagração a este trabalho; agradecemos finalmente a todos os nossos irmãos que têm amparado e animado todo o Obreiro da Página Impressa e que se juntam a nós com as suas orações pelo seu sucesso.

Vosso colaborador dedicado

J. Dias

A REFORMA DO CALENDÁRIO

Estas concepções mostram que Roma não se opõe já, de uma maneira absoluta à rutura do ciclo semanal e, se a evolução seguir neste sentido, a Igreja Católica pode acabar por encontrar tais projectos de reforma como aceitáveis.

A declaração do Concílio atinente à revisão do calendário parece ser um dos aspectos de Roma para não ser considerada como o centro invertido da reacção. Estamos assistindo a um movimento de refluxo a favor do catolicismo, e a influência do Vaticano vai crescendo. Há alguns anos atrás, sob o pontificado de Pio XII, o Vaticano tinha-se declarado a favor de uma política democrática. Agora, o interesse, que testemunha pela reforma do calendário, pelo progresso social, pelo uso

litúrgico das línguas nacionais, pelo ecumenismo e mesmo pela liberdade religiosa, mostra que o Concílio de Roma deseja mostrar-se ao mundo mais moderno e mais reformador do que os próprios protestantes. Como me disse o arcebispo de Antioquia o problema da reforma do calendário «não se levanta no seio da Igreja.»

Podemos ir mais longe e afirmar que não é um problema agudo na maior parte das Igrejas não-católicas.

O Dr. W. Visser't Hooft, secretário-geral do Conselho Ecuménico das Igrejas, dizia-nos, recentemente, depois de ter lido as respostas a uma carta enviada pelo seu Secretariado e que perguntava às Igrejas membros da organização, se o Con-

selho Ecuménico das Igrejas devia empreender o estudo da questão do calendário, dizia-nos que só vinte Igrejas pareciam interessar-se por este projecto.

Parece-nos com mais forte razão, que um calendário perpétuo está longe de ser o problema mais urgente que o mundo deve resolver para aumentar a felicidade e a prosperidade da humanidade. Muitas outras necessidades, mais consideráveis e mais urgentes, esperam ser resolvidas por homens de boa vontade. Subscrevemos, plenamente, a declaração feita pelo Dr. Lukas Vischer na Igreja valdense de Roma: «Temos hoje muitas coisas bem mais importantes que fazer neste mundo do que reformar o calendário.»